

Comandante Afonso Soares

José Afonso de Oliveira Soares, nasceu na freguesia e concelho do Peso da Régua, em 26 de Novembro de 1852.

A sua vida atravessou três regimes políticos: a monarquia, a república e a ditadura salazarista. Começou por trabalhar nas obras da construção da linha do Douro do Marco até à Régua e mais tarde, até à sua reforma, exerceu as funções de chefe de secretaria da Câmara Municipal da Régua. Durante a monarquia foi nomeado administrador do concelho. Destacou-se como jornalista na imprensa regional. Dedicou-se também à pintura, desenho e escultura. Escreveu poesia, romances, folhetins contos, ensaios e monografias de história.

Distinguiu-se ainda como comandante dos bombeiros da Régua (1893-1927). Não integrou a lista dos seus heróicos fundadores, nem fez parte da célebre "Comissão Instaladora" que, em 1880, fez nascer a associação humanitária e a companhia de bombeiros voluntários da Régua, mas não deixou de, nesses primeiros momentos, apoiar a instituição como um dos interessados sócios -contribuintes.

A primeira biblioteca inaugurada em 1885 no quartel dos bombeiros deve-se a Afonso Soares. Como era um homem modesto, na sua monografia sobre a história da Régua não revelou que era ele o sócio-contribuinte que a idealizou e desejou. Num texto não assinado, mas que deve ser da sua autoria, já que o estilo e o conteúdo são semelhante ao divulgado, escrito no jornal "A Região Duriense", em 1930, apontou o seu nome como o seu impulsionador.

Afonso Soares tinha 40 anos quando os sócios reunidos em Assembleia-geral, realizada em 28 de Janeiro de 1893, o elegeram para ocupar deixado vago pela morte súbita do grande Comandante Manuel Maria de Magalhães.

Afonso Soares não foi a primeira escolha dos sócios, anteriormente tinham eleito o fundador Gaspar Henriques da Silva Monteiro. Acontece que este renunciou ao cargo de comandante. A sua decisão foi tomada numa carta que foi analisada na sessão extraordinária da direcção, realizada a 24 de Novembro de 1892. Não conhecem os verdadeiros motivos da renúncia mas tudo leva a presumir que deve ter sido provocada por divergências ou desentendimentos pessoais. A direcção da associação aceitou-a sem grandes reservas, se calhar por entender que as razões lhe mereciam consideração ou que não poderia fazer nada em seu favor. Na referida acta, o seu presidente José Joaquim Pereira Soares dos Santos (fundador) faz constar que "abstinha-se de pedir-lhe como desejamos a sua conservação nesta associação".

Ultrapassada esta situação são eleitos novos órgãos sociais. A direcção vai ser presidida por Alberto Rola que, no dia 3 de Fevereiro de 1893, convoca Afonso Soares para prestar juramento como novo comandante dos bombeiros da Régua. Desde aí, o Comandante Afonso Soares mantém-se no cargo por cerca de 34 anos. Abdica em 1927, por ter chegado ao limite da idade permitido – 75 anos - para o exercício destas nobres funções

Durante, o seu longo mandato, conseguiu manter, apesar das limitações do velho quartel, situado no Largo dos Aviadores, e da falta de material para o combate de incêndios, uma companhia de bombeiros formada por influentes e briosos cidadãos.

O seu trabalho de comando, ao que se sabe, não foi nada fácil para manter em funcionamento o corpo de bombeiro. Defrontou-se com a falta de apoios e muitas e severas dificuldades económicas. Em 1902, o jornal “O Douro” noticiava que Câmara Municipal da Régua decidiu suprimir o subsídio municipal que atribuía, o que provocou uma grande contestação discutida em assembleia-geral. Nesse tempo, os bombeiros vivem uma grave crise – sempre cíclicas - que foram recordadas pelo chefe António Guedes, então jovem soldado da paz, nas suas memórias. Este confirma que, por volta de 1910-20, a associação não tinha dinheiro para suportar as despesas do quartel. Alguns bombeiros chegaram a propor que fossem entregues chaves do quartel e pouco material ao município. Mas, os velhos e garbosos bombeiros entenderam fazer alguma coisa para que sua associação se extinguísse não. Começaram por entre eles se cotizarem com uma quantia dos seus salários para pagar algumas das despesas, mas não foi suficiente. Assim, tiveram de realizar espectáculos de teatro, onde foram em todas as peças como os actores foram protagonistas, para obterem na população as receitas necessárias com que pagaram todas as dívidas acumuladas. Até 1930, o poder político local não subsidiou nem apoiou condignamente os serviços de socorro prestados pelos bombeiros.

O Comandante Afonso Soares teve a determinação e o mérito de manter vivo o corpo de bombeiro que fazia falta à população. Não descansou de arranjar para eles as melhores condições de trabalho. Pediu uma parcela de terreno para a construção de um novo quartel, objectivo que prosseguiu nas suas aspirações, mas ninguém lhe deu atenção. Ele próprio contribuiu para esse sonho, ao desenhar um esboço de um magnífico e elaborado projecto para erguer a obra do novo de um quartel. Ainda existe essa sua peça desenhada com todo o rigor de técnico e artista sensível, onde não sobejavam os seus originais traços de ornamentação artística.

Como jornalista ele foi director do “Jornal da Régua” (1930), onde publicou o folhetim “Álvaro -Esboços da Vida Real”. Colaborou em jornais como “O Dissidente”, “Cinco de Outubro”, “O Marão” (1926), para o qual desenhou o cabeçalho, “O Transmontano” (1922), e a “A Região Duriense” (1930). Neste último semanário, assinou um artigo intitulado “A Capital do Douro”, a dar eco

aos problemas do Douro, e dos seus vinhos, defendidos pelos paladinos na questão duriense:

Eis o seu pensamento, em certa medida cheio de actualidade: “E enquanto o Douro for Douro não podem os seus filhos esperar outra vida que não seja a defender o seu vinho. Um desfalecimento tem consequências funestas. Ninguém deve esquecer que atrás de uma dificuldade, logo outra aparece. E todas elas se vêem reflectir na sua capital do Douro - a vila do Peso da Régua – a que se tem dado e com razão de “coração do Douro”. (...) A Régua foi, e será o centro desta região privilegiada. Já o era quando, pobre e triste povoação sertaneja, fez parte dos concelhos de Santa Marta e Godim e já era centro consagrado da região quando o governo de D. José criou a Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro (...).

Em anotação ao seu texto, o director Júlio Vasques agradecia-lhe a colaboração assim: “honra este semanário este nosso amigo e decano dos jornalistas provincianos com vastíssima erudição que lhe provem do aturado estudo que se tem entregado nas investigações históricas do concelho do Peso da Régua. Os nossos leitores terão mais que uma vez de apreciar os seus artigos cheios de ensinamentos preciosos (...) expondo ao país e ao estrangeiro a riqueza que o esforço do viticultor duriense soube arrancar das montanhas entre as quais corre tumultuoso o nosso rio Douro”.

O Comandante Afonso Soares deixou publicadas três obras literárias: “Apontamentos para a História da Vila do Peso da Régua” (1907), o ensaio “Régua - Coração do Douro -Centro de Excursões e de Turismo” (1926) e a “História da Vila e Concelho do Peso da Régua” (1936-38), mandada elaborar pela Comissão Administrativa, em 1936 ao “brilhante jornalista reguense (...) de competência indiscutível desta natureza”. Em 1979, a Câmara Municipal da Régua promove uma 2ª edição, que para o presidente Renato Aguiar significava “dar satisfação aos inúmeros pedidos para nova edição (...) mandou imprimir este brilhante trabalho elaborado por José Afonso de Oliveira Soares”.

Deve afirmar-se que, sem margem para dúvidas, a “História da Vila e Concelho do Peso da Régua” é a sua obra mais conhecida. Foi editada, pela primeira vez, em fascículos impressos na “Imprensa do Douro”. Em artigo publicado no “Noticias do Douro”, o reguense Dr. Sebastião Pinto de Gouveia, advogado no Porto, confirma que esta sua obra foi “elaborada a pedido da vereação municipal instalada em 1936. Concluída em 1938, é um trabalho de investigação extenso, e largo estudo, bem ordenado, profusamente documentado, de estilo sóbrio, preciso e elegante. Essas páginas dão-nos uma síntese perfeita da vasta capacidade, preparação e cultura do seu autor. Mais do que a história de um concelho, esse livro é um acto de dedicação e fé a uma causa nobre que soube servir e amar”.

Exprimiui ainda sobre esta sua produção literária, o Dr. Sebastião Pinto de Gouveia, o comentário seguinte: “É preciosa a sua ironia em “Horas de Ócio”, folheto impresso, quando discorre filosoficamente sobre os vícios e a virtude, deixando adivinhar um sorriso trocista sobre conceitos correntes”.

Em 1928, o Dr. João de Araújo Correia, numa crónica elogia o artista Afonso Soares, comentando um retrato que o “Jornal da Régua” publicava, para assinalar o aniversário dos seus 82 anos, que na sua elegância e nos os elogios de estima e valor, vale a pena aqui se transcrever:

“O retrato do senhor Soares só ficaria fiel pintado a óleo.

Perde-se um modelo digno de Columbano.

(...)

O retrato é mal tirado. Mas a nossa adoração espiritualiza-o. Aos olhos dos devotos não escorrem sangue as feridas mal pintadas dos crucificados? À nossa vista, o Senhor Soares gravado é o Senhor Soares vivo. O fenómeno do riso no octogenário ensilveirado de barbas é um dos encantos do homem que vem, às tardes sentar-se no banco do Zé Pinto, do esteta que procura uma mercearia para espairecer, como há enxovedos que procuram os museus para ressoar. O riso é o triunfo do homem sobre as trivialidades que o circundam. A beleza e fealdade das coisas são reacções interiores. Por isso vemos o Senhor Soares deliciado quando o Afonso Henriques Morrão pesa bacalhau ou o Zé Pinto se põe a esculpir estátuas impressionistas de ouro, com manteiga. Se o amor preleva o senso estético no descobrir em prosa poesia num pelo defumado do cachimbo do Senhor Afonso Soares, veremos o singular indivíduo que vive oitenta anos à sombra de sertanejo campanário, sem prejuízo da harmonia do seu vestir ou pensar. A gravura que encima, esta coluna e, por consequência uma maravilha. Na sua dureza evocamos a ternura, a serenidade, a inteligência, o talento, as armas com que o Senhor Soares tem defendido a epiderme da sujidade mundana. Imediatamente nos evoca também o caminho que a nossa terra polida lhe tributa. A Régua tem coração. Não é verdade que ela se curva para agasalhar, mais do que para cumprimentar, as mãos esguias do Senhor Soares? Na própria ausência do querido pintor e homem de letras, dizemos todos: o Senhor Soares. Consoante o costume local, há quem diga: Senhor Zezinho Soares.

Há muita beleza nisto...

Não é exacto valerem os homens somente pela obra executada. Os homens valem pelo mundo íntimo que abrigam e vem transparecer à flor do olhar, do gesto, da palavra, que é a maneira de pôr a gravata ou o chapéu. O Senhor Soares vale um tesouro. Com aquelas barbas chamuscadas de fumo, a moeda romana que lhe orna o peito, vale tanto como se houvesse despedido do lar aos vinte anos, com a sua habilidade e seus pincéis e regressasse pelos oitenta, coroadado de espinhos loiros, bem granjeado o nome pomposo de Mestre José Afonso”.

A sua aptidão para as artes era apreciada pelo Dr. Sebastião Pinto de Gouveia desta maneira elogiosa: "a sua extraordinária aptidão, ao maravilhoso talento, tudo era fácil. Quadros como a cópia maravilhosa do "Santo Estevão de Van Dick", a "Cabeça de Cristo", de tão quente e dolorosa expressão - " A volta do Salgueiral" – a " Cabeça da Virgem" são, entre muitos outros, verdadeiros espelhos da alma de Afonso Soares, da sua extraordinária sensibilidade como do seu génio. Dá-los a um largo exame público e a uma demorada apreciação critica é consagrar o artista extraordinário que os produziu e, sobretudo, conceder a todos, numa visão de conjunto da sua obra, momentos de insubstituível prazer espiritual. Legou-nos também Afonso Soares algumas esculturas: o busto do Chico Doido, entre outras, exprime também a eloquência bastante a extraordinária aptidão de Afonso Soares para esta modalidade de arte. Infelizmente são exíguos os seus trabalhos de escultura e desenho".

Morreu em 21 de Outubro de 1939, na rua Marquês de Pombal, onde sempre viveu. Na certidão do seu óbito foi mencionado, por certo com base nalgum atestado médico, que faleceu de velhice e sem sinais de demência. Ia completar 87 anos.

A Régua, na década de 50, com alguma polémica pelo meio e até de vozes contrárias e discordantes, reconheceu os méritos pessoais, humanísticos, literários e artísticos de Afonso Soares. Nomeada uma comissão de figuras reconhecidas na sociedade reguenses que, com apoio da câmara, manda erigir um busto, em sua memória, no jardim do Cruzeiro, próximo da casa onde morou.

No seu pedestal está inscrito esta singela mensagem: "Talento e bondade/Flor de simpatia/Que nos merecia/ Esta saudade". Pode parecer pouco, mas tem um significado importante: o justo reconhecimento de homem, um cidadão reguense generoso e talentoso que, apaixonadamente, serviu sempre com o "Bem" e o "Belo" a sua querida terra. Como muito poucos ou quase ninguém!

Essa paixão à terra das suas origens, da qual fez e nos deixou escrita grande parte da sua história, numa das suas obras confessou-a desta forma: "Mas porque amo a minha terra e me penaliza que as sua belezas continuem tão ignoradas, sem cantar as espalharei por toda a parte, ainda mesmo sem engenho e arte".

Este é um engano seu para nos convencer da sua modéstia: engenho e arte não lhe faltaram!